



**A EDUCAÇÃO FINANCEIRA COMO BASE PARA A CONTABILIDADE FAMILIAR:
O CONTROLE FINANCEIRO PARA USO E PLANEJAMENTO DAS FINANÇAS
PESSOAIS E DOMICILIARES.**

Autora: Maressa Fernandes Sobreira Silva

Orientador: Fabrício Afonso de Souza

Curso: Ciências Contábeis Período: 8º

Área de Pesquisa: Contabilidade Gerencial

Resumo: Este estudo relacionou o impacto da educação financeira na organização das finanças familiares, levando em consideração as famílias que possuem algum ou o mínimo conhecimento na área. Foi possível analisar como essas famílias realizam o controle mensal de suas receitas e despesas e, de que forma, a falta de conhecimento nesta área pode afetar essas finanças no âmbito familiar. Para tanto, analisou-se a aptidão em apresentar tais competências de colaboradores ou proprietários de escritórios de contabilidade na cidade de Manhumirim/MG, além de abranger suas famílias. Foram construídas análises, sobre as formas e maneiras que esses indivíduos realizam seus controles mensais, se eles receberam e possuem algum conhecimento na área e, se esse conhecimento, pode ser um fator fundamental para realização deste controle. Os resultados desta pesquisa, sugerem que o conhecimento e o uso da educação financeira influenciam na capacidade administrativa pessoal e que esse nível de conhecimento pode influenciar positivamente no controle das finanças familiares e consequentemente proporcionar uma segurança futura. Estes resultados sugeriram, ainda, que os indivíduos analisados não foram capacitados nas fases mais jovens de suas vidas e que muitos aprenderam sobre o controle de finanças através de suas experiências práticas. Ainda assim, boa parte deles possui um controle adequado das finanças pessoais, estando sempre dispostos a adquirirem maiores qualidades.

Palavras-chave: Educação Financeira. Finanças Pessoais. Organização.

1. INTRODUÇÃO

Mesmo que a sociedade viva em um mundo onde o sistema econômico predominante é o capitalismo, pouco se fala sobre a importância das pessoas possuírem um conhecimento financeiro básico. Diferente das grandes empresas e organizações, que conseguem lidar e manipular melhor o mercado financeiro por compreenderem como funciona, os indivíduos comuns, que não estão diretamente ligados a este sistema econômico, não compreendem suas vertentes de funcionamento e não possuem conhecimento básico a respeito do controle financeiro pessoal.

O aprendizado da administração financeira pessoal, por meio da educação financeira, deveria ser fundamental e um importante fator a ser considerado no crescimento e desenvolvimento do cidadão e de sua família, levando em conta que são os indivíduos que formam as pequenas unidades na sociedade, que juntas, são capazes de criar o todo da economia e da rotatividade do mercado. Esta educação financeira tem impacto direto na construção da solidez ou não da economia de um país.

De acordo com Gallery et al. (2011, p.288) educação financeira é “a capacidade de fazer julgamentos inteligentes e decisões eficazes em relação ao uso e gestão do dinheiro”. Em outras palavras, a educação financeira orienta as pessoas no aprimoramento da sua relação com o dinheiro, fazendo com que o indivíduo aprenda o seu bom uso e que saiba tomar decisões conscientes e sustentáveis financeiramente.

Segundo a economista Gabriela Mosmann, mestre pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a ausência da educação financeira no Brasil é uma das consequências de um contexto econômico historicamente instável. Durante os anos 80, o país passou por mudanças na moeda e por vários períodos de inflação descontrolada, a alta inflação contribuiu para que o valor futuro da moeda, fosse menor. Logo, as pessoas acabaram optando por gastar o que foi recebido, ao invés de poupar e esperar o poder de compra se deteriorar no longo prazo. Vale ressaltar que, apenas nas últimas duas décadas o país obteve uma moeda relativamente estável e a inflação sofreu pouca variação, abaixo dos dois dígitos.

No entanto, indicadores de pesquisas como SPC Brasil e a PEIC mostram que a falta de conscientização financeira advém dessa instabilidade inflacionária, criando uma precária cultura financeira que vem perdurando durante anos. Em 2018, dados apurados pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) mostram que o Brasil encerrou o ano com aproximadamente 62,6 milhões de brasileiros com alguma conta em atraso e com o CPF restrito. Este número representa 41% da população adulta que reside no país. No final de julho de 2020, a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), publicou uma Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) realizada com cerca de 18 mil consumidores, na qual foi constatado que o percentual de famílias endividadas no país aumentou em julho, atingindo um recorde histórico. Cerca de 67,4% dessas pessoas estão endividadas e 26,3% estão com alguma dívida ou conta em atraso. Esses dados apontam que o índice de inadimplência vem sofrendo um crescimento no decorrer dos anos, chegando em 2020 a 12%, maior proporção desde 2012.

Isso atesta que, grande parte da população não possui o controle administrativo das finanças pessoais, de forma que contas básicas para a sobrevivência não são pagas dentro do prazo, gerando um elevado crescimento no índice de inadimplência do país. As pessoas que não tiveram acesso à educação financeira, acabam não possuindo nenhum tipo de reserva emergencial, estando assim mais expostas a vulnerabilidade econômica. Esses fatores geram, na visão da psicóloga Renata

Maransaldi, um descontrole financeiro e emocional nas famílias endividadadas do país, porque a maioria delas não sabe como sair dessa situação.

Baseando-se nesses dados, que demonstram que o endividamento das famílias no país vem atingindo proporções preocupantes, pelo que se questiona: porque a inserção da educação financeira no cotidiano das famílias, se faz tão necessário? Existe alguma relação entre as pessoas que não receberam nenhum tipo de educação financeira e seu grau de endividamento? Qual a importância da educação financeira no sistema econômico atual?

Dessa maneira, o objetivo deste artigo foi debater a educação financeira e como adquirir este conhecimento pode aumentar a qualidade de vida das pessoas. Através do estudo, pode ser possível analisar se a falta da educação financeira contribui para que não haja o controle mensal das despesas pessoais em âmbito familiar, e, como essa falta de controle pode afetar a estrutura financeira e emocional de uma família.

A hipótese explorada é a de que o conhecimento adquirido através da educação financeira, será capaz de proporcionar aos que dela se beneficiam, elementos fundamentais na tomada de decisão sobre aspectos práticos e simples da vida cotidiana, além de proporcionar segurança e capacidade a cada um desses indivíduos, a educação financeira pode ajudar os indivíduos a compreenderem que o endividamento de uma pessoa está diretamente ligado à sua delimitação orçamentária.

2.DESENVOLVIMENTO

2.1. Referencial Teórico

2.1.1 A Educação Financeira: conceitos e definições

Quando se fala em educação financeira, a maioria das pessoas acredita que se trata apenas de economizar dinheiro, no entanto, a educação financeira está além do hábito de economia. Este tema está relacionado a forma de compreender o dinheiro e as informações relacionadas a ele. Segundo Eduardo Amuri (2017), autor do livro Dinheiro sem medo, “se desejamos cultivar uma relação mais saudável com o dinheiro, precisamos falar sobre ele”. Só será possível alcançar uma situação financeira saudável, quando for possível conversar abertamente sobre dinheiro com as crianças, os jovens, os adultos e toda a sociedade, e, a ferramenta utilizada para alcançar esses indivíduos, deve ser a educação financeira.

Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) de 2005, a educação financeira é:

“O processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessárias para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda e adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro. (OCDE, 2005).

Desta forma, é possível dizer que educação financeira irá tornar os indivíduos que dela usufruam, conscientes para a tomada de decisões que envolvam seu dinheiro, criando neles ainda, a capacidade de analisar as oportunidades e os riscos de suas

ações futuras. A educação financeira se torna mais importante porque proporciona segurança aos indivíduos, visto que os mesmos terão planejamento de suas ações financeiras e preparo para possíveis imprevistos futuros.

Para Lelis (2006) “a educação financeira é importante pois abrange informações de como aumentar renda, reduzir despesas e gerenciar fundos.” A educação financeira é utilizada como ferramenta para que o indivíduo consiga administrar o próprio dinheiro. Quando os indivíduos ou grupos da sociedade, não possuem controle das suas finanças pessoais, a chance de se endividarem aumenta, pois, a falta de racionalidade financeira, é a principal característica destes indivíduos. Falta-lhes consciência e equilíbrio entre o que está sendo adquirido e a necessidade real de obtê-lo.

Segundo Peretti (2007, p.09) tirar as pessoas do analfabetismo financeiro através da educação financeira é uma necessidade, para que elas possam controlar suas finanças e prosperarem em suas vidas. A educação financeira será capaz de desenvolver competências e habilidades no indivíduo, fazendo com o que o mesmo encontre mecanismos e formas de resolver seus problemas financeiros. Ela será capaz, ainda, de desenvolver a consciência do indivíduo imunizando-o para que ele não passe por situações semelhantes a essas.

A falta de acesso e de informação acerca do conhecimento financeiro, pode resultar em consequências indesejadas, como erros na tomada de decisões, endividamento, comprometimento da renda mensal na tentativa de quitar as dívidas já existentes. A falta do planejamento financeiro inviabiliza a vida de grande parte da população. No entanto, vale a pena ressaltar que, quando os indivíduos possuem um conhecimento financeiro, mesmo que mínimo, suas decisões tendem a não serem tomadas por impulsos, nem por emoções descontroladas.

De acordo com Peretti (2007, p.18), a educação financeira é um instrumento capaz de proporcionar às pessoas bem-estar e melhor qualidade de vida, por isso é possível afirmar, que a qualidade de vida de um indivíduo está diretamente ligada à sua saúde financeira. Assim, o hábito de controlar as finanças, economizando e poupando, ou até mesmo se organizando com um planejamento financeiro, é importante para garantir a continuidade daquilo que se obteve através do dinheiro, bem como qualidade de vida, bem-estar e auto realização.

2.1.2 A Educação Financeira no Brasil

Segundo dados do Serasa Experian, o número de brasileiros inadimplentes chegou a 63,8 milhões em janeiro de 2020, o volume de pessoas com contas em atraso representa 40,8% da população adulta no país. Conforme informa a pesquisa realizada, a população em questão que se encontra endividada é a população adulta do país. Dados como esse demonstram que a maioria dos indivíduos não possuem consciência dos efeitos negativos da falta da educação financeira no dia a dia. No entanto, é possível relacionar essa falta de consciência com a falta de informações fornecidas a esses adultos, no processo de desenvolvimento dos mesmos nas fases da infância e da juventude. Se a maioria deles não aprendeu ou não foi instruída sobre o uso consciente do dinheiro, a consequência disso no futuro é que os mesmos se encontrem endividados.

A educação financeira irá requerer um ensinamento intelectual, moral e físico para que o indivíduo possa obter sucesso nessa área. Em âmbito nacional e afim de saber a importância desse aprendizado intelectual, o Conselho Nacional de Educação (CNE) decidiu introduzir a educação financeira nas escolas brasileiras. Conforme as diretrizes da Base Comum Curricular (BNCC), essa obrigatoriedade foi estabelecida em

2017, mas começaria a ser aplicada em 2020. Isso significa, que todas as crianças matriculadas no ensino fundamental deverão cursar esse conteúdo, sejam nas escolas públicas ou particulares. De acordo com a advogada Karina Saraiva (2020) “quanto mais cedo a noção a respeito do dinheiro é introduzida na vida da criança, maior será a capacidade de administração financeira no futuro”.

No Brasil, alguns projetos e ações foram desenvolvidos por organismos governamentais e empresas privadas, com o objetivo de instruir os cidadãos, afim de criar conscientização e responsabilidade financeira na tomada de decisões. O Banco Central do Brasil, possui o Programa de Educação Financeira (PEF), que tem como objetivo disseminar conhecimentos sobre assuntos econômico-financeiros para a sociedade. A BM&F Bovespa criou o Programa Educacional BOVESPA, com o objetivo de discutir o funcionamento do mercado de ações e a importância da Bolsa de Valores em um país. Além disso, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) promove palestras e disponibiliza cartilhas, com o propósito de orientar as pessoas sobre investimentos.

Apesar de existirem esses programas com a intenção de auxiliar os indivíduos a agirem conscientemente em relação as suas finanças pessoais, a maioria da população os desconhece. O grupo da sociedade que mais sofre com a falta da educação financeira, é o grupo das famílias de baixa renda, a informação não chega a essas pessoas com a mesma eficácia que chega as demais, que tem mais acesso a informação e tecnologia, portanto, o grupo que deveria usufruir desses programas, não é alcançado. Saito (2007, p.7) adverte ainda que, apesar da relevância do assunto e dos programas criados até então, o Brasil não tem planejamentos educacionais voltados para o processo de socialização econômica.

No ano de 2010, o governo brasileiro criou a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), através do Decreto Federal 7.397/2010, para instruir crianças, jovens e adultos aumentando a inclusão financeira e poder de decisão do consumidor. O intuito do programa, é estimular a cultura financeira do país, contribuindo para o fortalecimento da cidadania, fornecendo e apoiando ações que ajudem a população a tomar decisões financeiras mais autônomas e conscientes.

De acordo com (BRASIL 2010, p. 2),

O objetivo do programa é desenvolver uma posição de Estratégia Nacional de Educação Financeira além das ações destinadas ao público alvo para adultos, o ENEF prevê ações voltadas para as escolas, seguindo uma tendência mundial. Este organismo tem como principais objetivos promover e fomentar a cultura de educação financeira no país, ampliar a compreensão do cidadão, para que seja capaz de fazer escolha consciente quanto à administração de seus recursos e contribuir para a eficiência e solidez dos mercados financeiros, de capitais, de seguros, de previdência e de capitalização.

Se realmente for implementada a ENEF, seu resultado será a longo prazo, pois, a criança se tornará um adolescente mais consciente e conseqüentemente um adulto mais prevenido. No entanto, a despeito dessa ação governamental, é importante ressaltar que os indivíduos na idade adulta atualmente, que já possuem família e são os provedores da mesma, não receberam essa educação financeira antes. Talvez por isso, não saibam a melhor forma de administrar suas finanças pessoais.

2.1.3 O planejamento financeiro familiar

De acordo com Peretti (2007):

Planejar, é investir em qualidade de vida no futuro da família. O planejamento financeiro será o mapa de navegação. Mostrará onde você está e aonde quer chegar e indicará os caminhos a percorrer. O segredo do planejamento financeiro, é a iniciativa e a capacidade de realização; [...] deve ser constante.

Através do planejamento financeiro, será possível estabelecer uma base, um plano, que determinará o sucesso ou o fracasso na vida financeira. Planejar os rendimentos, é mais importante que aumentar os mesmos, porque afinal, de nada adiantaria a um indivíduo aumentar seus ganhos, se permanecer na linha de pensamentos de não poupar e não planejar. É necessário reforçar que, mais importante que o quanto se ganha, é o como se gasta. O planejamento financeiro familiar está interligado a prazos e objetivos. Antes de começar a planejar, a família deverá estabelecer quais são as metas, que pretendem alcançar para definir os recursos necessários para alcançá-las.

Para que uma família seja capaz de iniciar um planejamento financeiro, são necessários alguns comportamentos, como o acompanhamento dos gastos, o hábito de anotar as entradas e as saídas, instruir-se acerca da eliminação dos custos, e dos gastos desnecessários, esforçando-se em desenvolver a disciplina de todos os seus membros. Criar o hábito de controlar as finanças, não é importante apenas para que sobre dinheiro no final do mês, mas para garantir a continuidade de tudo aquilo que se conquista através do dinheiro. É Cerbasi (2004, p. 38) que afirma “[...] não há propósito em guardar dinheiro tão somente pelo ato em si. O grande bem que o dinheiro pode lhes dar, é permitir manter aquilo que vocês conquistam. ”

De acordo com o autor Luís Fernando Ewald:

O orçamento doméstico costuma ser desconhecido ou ignorado. Resultado: em muitas famílias, as despesas fogem do controle e é muito comum faltar dinheiro antes do mês acabar. Aí a coisa fica feia, sobrando mês e faltando dinheiro. [...] recomenda-se, nesses casos, um esforço para fazer um orçamento. Fala-se em esforço, pois as dificuldades são muitas e é preciso uma grande força de vontade e envolvimento consciente de todas as pessoas da casa.

Para que seja possível obter o sucesso financeiro familiar, é preciso que o casal tenha o mesmo pensamento, de forma que os filhos consigam acompanhar essa mentalidade. Ter o hábito de inserir o assunto “dinheiro” nas conversas da família, ajuda que todos andem juntos na mesma direção, enxergando de onde vem o dinheiro e para onde ele vai. Por isso o planejamento da família, deverá ser levado a sério, porque tudo se baseia nele: decisões de compras futuras, estudo dos filhos, lazer, investimentos, entre outros.

“Os problemas financeiros familiares decorrem de decisões ou escolhas ruins. Os erros financeiros são verdadeiras armadilhas. Caímos facilmente nelas por pura ingenuidade; depois, vivemos um verdadeiro pesadelo que pode durar meses ou anos. Na maioria das vezes,

orçamento, planejamento financeiro, dinheiro ou controle de gastos não fazem parte das conversas dos casais. [...] estabelecer objetivos de longo prazo passa a ser problema porque quem não participa das finanças, não percebe as metas a serem atingidas gradativamente. Irá notar apenas o sacrifício no momento do desembolso. ” (CERBASI, 2004, p. 34)

É importante considerar no orçamento doméstico informações relacionadas às receitas e despesas, de forma a controlar todos os ganhos e gastos ao longo do mês. Existem várias formas de realizar a elaboração do orçamento doméstico. De acordo com os autores Halles, Sokolowski e Hilgember:

O orçamento doméstico pode ser realizado através de uma planilha, na qual são anotados todos os gastos e despesas familiares, mesmo as variáveis e os considerados irrisórios, e tem por objetivo proporcionar um panorama geral da vida econômica e dos hábitos familiares (HALLES, SOKOLOWSKI, HILGEMBERG, 2007).

Em suma, o planejamento orçamentário familiar deve envolver todos os membros da família, independente da faixa etária. Quanto antes se passa a discutir em conjunto o tema, antes se consegue viabilizar a caminhada rumo ao bem-estar da família como um todo. Dessa forma, as crianças passam a compreender o impacto daquilo que desejam no bem-estar da família e gradativamente tornam-se adultos conscientes, reproduzindo o comportamento financeiro dos pais. Quando se estabelece um orçamento para a família, é possível saber quanto pode ser comprometido da renda familiar, sem prejudicar a estabilidade financeira do todo.

Cerbasi (2004) assegura que “a construção de um padrão de vida confortável não depende de quanto dinheiro se ganha, mas da forma que se gasta, mesmo não possuindo uma renda alta. ” Por isso, não se deve desprezar a importância do planejamento financeiro familiar, porque as consequências destes atos são inúmeras vezes desastrosos e na maioria dos casos acarretam grandes períodos de dificuldades. Consequentemente, é cada vez mais comum deparar-se com notícias e pesquisas, que demonstram que o índice de inadimplência no país se encontra cada vez maior, porque o número de pessoas endividadas aumenta a cada ano e a maioria delas enfrenta o descontrole financeiro.

2.1.4. Estudos anteriores sobre Educação Financeira

Uma pesquisa realizada por Vieira, Bataglia e Sereia (2011) indicou a relação entre a educação financeira e as decisões de consumo, investimento e poupança, dos alunos de uma universidade pública no norte do Paraná. A amostra consistia em 303 graduandos dos cursos de Administração, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis e seus resultados indicaram que a formação acadêmica contribuía para a melhor tomada de decisões na esfera do consumo, dos investimentos e poupança daqueles indivíduos. Como essa pesquisa foi realizada com os alunos do primeiro e último ano de cada curso, foi possível constatar que os alunos dos últimos anos possuíam maior capacidade de reconhecer e manipular os conceitos de finanças, além de possuírem menor propensão ao risco que os alunos dos primeiros anos de cada curso.

A partir do estudo realizado por Gomes (2013) foi possível verificar a percepção dos professores do curso de administração da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) sobre a relevância da educação financeira. A amostra compreendeu 16

docentes do curso de administração e concluiu-se que 50% dos docentes adquiriram seus conhecimentos acerca da educação financeira em casa com suas famílias. Foi verificado também, que a maior parte dos professores não administravam seus gastos e optavam por financiar seus bens.

Um estudo sobre a compreensão econômica de estudantes entre 10 e 15 anos, foi realizada por Bessa, Fermiano e Coria (2014), na cidade de São Paulo. Para a realização deste estudo, foi utilizada uma amostra de 830 estudantes entre 10 e 15 anos, de diferentes realidades econômicas e verificou-se que a geração estudada não possuía capacidade econômica suficiente para lidar com as exigências do mundo econômico, e ainda, que as mudanças sociais, culturais, políticas, econômicas e tecnológicas, afetavam o comportamento daqueles pré-adolescentes e jovens.

A partir do estudo realizado por Fernandes e Candido (2014) foi possível estudar o índice de endividamento dos estudantes de uma instituição de ensino em São Paulo. A amostra abrangeu estudantes de pós-graduação em Administração ou Contabilidade, entre 27 a 36 anos de idade. Os resultados da pesquisa indicaram que existe uma defasagem no ensino básico, já que os indivíduos não estão preparados para tratar de questões relacionadas a administração financeira pessoal, possuindo uma proporção de endividamento maior, se comparado aos seus ascendentes familiares. A esperança dos participantes da pesquisa, está em uma grade curricular ainda não existente.

Lizote e Verdinelli (2014) realizaram um estudo que associava o conhecimento sobre finanças pessoais com as características dos estudantes universitários do curso de ciências contábeis de uma universidade em Santa Catarina. A amostra abrangeu 231 estudantes e os resultados indicaram que a maior parte deles possuía certo conhecimento sobre finanças pessoais, levando em consideração a maior familiaridade no assunto, por cursarem contabilidade. Foi indicado também, que os estudantes que trabalhavam mostraram possuir maiores conhecimento sobre finanças, se comparado aos que não trabalhavam, no entanto, os estudantes que possuíam maior renda, também possuíam maiores empréstimos e financiamentos.

A pesquisa de Brönstrup (2016) também corrobora com essa visão preocupante sobre o conhecimento financeiro dos mais jovens. Foi realizado um estudo de caso em uma escola de ensino fundamental, da rede particular de ensino do município de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. A amostra abrangeu 83 alunos com idades entre 11 e 14 anos. A pesquisa avaliou o grau de conhecimento e importância acerca das finanças pessoais, considerando que estes alunos possuem em sua grade curricular a disciplina de educação financeira. O resultado obtido pela pesquisa indicou que a maioria dos alunos possuem conhecimento acerca do assunto e julgaram importante o tema da educação financeira, no entanto, menos da metade deles aplicam os ensinamentos em suas vidas financeiras.

A pesquisa de Gorla, Magro, Silva e Nakamura (2016) relacionou a educação financeira dos estudantes do ensino médio da rede pública de ensino, segundo aspectos individuais, demográficos e sociais. A amostra abrangeu 4.698 alunos do ensino médio e profissionalizante de 14 escolas da rede pública do município de Blumenau (SC) e região. O resultado obtido pela pesquisa foi que, mesmo que a maioria dos estudantes não possuíssem renda própria, aqueles cujas famílias apresentavam maiores rendas, também manifestavam maior nível de educação financeira. O estudo também foi capaz de demonstrar que, parte dos alunos só guardavam dinheiro quando sobrava recursos e que os ensinamentos acerca da educação financeira na escola eram mínimos.

Um estudo sobre a importância da educação financeira para a qualidade de vida das pessoas foi realizado por Ferreira (2017). A amostra abrangeu 59 pessoas

aleatórias, que não seguiam um padrão específico para realização da pesquisa. O resultado obtido através deste estudo, foi que a qualidade de vida das pessoas entrevistadas estava relacionada a uma vida financeira saudável, conseqüentemente, os indivíduos que possuíam conhecimento e controle de suas finanças pessoais, encontravam-se realizadas e satisfeitas consigo mesmas. No entanto, aquelas pessoas que possuíam dívidas e apresentavam descontrole financeiro, não estavam no mesmo grau de contentamento.

Por meio dos estudos anteriores, vê-se o crescente interesse acadêmico sobre a educação financeira e sua importância nas dimensões econômicas, sociais e pessoais. Dentro dos estudos apresentados, foi possível perceber que, apesar da maioria dos indivíduos acreditarem que a educação financeira é um tema relevante e capaz de trazer benefícios pessoais e qualidade de vida, poucos são os indivíduos que aplicam essas práticas no dia a dia. No decorrer das pesquisas realizadas, foi possível perceber também, que as pessoas afirmam não terem recebido educação financeira suficiente na escola e que, conseqüentemente, construir uma responsabilidade financeira foi mais complexo.

2.2. Metodologia

2.2.1 Unidade de Análise

O instrumento de pesquisa foi construído buscando absorver informações acerca do nível de educação financeira dos profissionais de contabilidade e de suas famílias, na cidade de Manhumirim/MG. Dessa forma, a amostra abrangeu 50 indivíduos.

A população compreendeu colaboradores e proprietários dos escritórios de serviços contábeis da cidade, possibilitando aos membros de suas famílias, responderem o questionário. Foi realizada uma pesquisa de campo simples, através da ferramenta Google Formulário.

2.2.2 Tipo de Pesquisa

A presente pesquisa é caracterizada quanto aos objetivos, como de cunho descritivo, quanto aos procedimentos, como de levantamento e abordagem do problema de natureza, quantitativa, pois visa “identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo” (JUNG, 2004, p.152), ou seja, da educação financeira e sua importância.

2.2.3 Caracterização da Amostra e Coleta de Dados

Os dados foram levantados a partir de um questionário estruturado, pois de acordo com Malhotra (2006), “o levantamento é um questionário direto às pessoas, cujo comportamento se deseja conhecer, onde pode-se arguir sobre intenções, atitudes e características demográficas e estilo de vida.”

O objetivo de escolher os profissionais da área contábil, foi relacionar suas habilidades de controle financeiro com a sua profissão. Considera-se que os profissionais de contabilidade estejam mais habituados com as rotinas financeiras, já que os mesmos desempenham essa função no dia a dia.

2.3. Discussão dos Resultados

2.3.1. Perfil dos Correspondentes

Tabela 1 – Perfil descritivo dos correspondentes

Questão 1: Faixa etária	Respostas	Porcentagem
Abaixo dos 20 anos	0	0%
De 20 a 25 anos	21	42%
De 25 a 35 anos	17	34%
De 35 a 45 anos	6	12%
De 45 a 55 anos	5	10%
Acima de 55 anos	1	2%
Total	50	100%

Questão 2: Gênero	Respostas	Porcentagem
Feminino	35	70%
Masculino	15	30%
Total	50	100%

Questão 3: Nível de Escolaridade	Respostas	Porcentagem
Ensino fundamental incompleto	1	2%
Ensino fundamental completo	1	2%
Ensino médio incompleto	1	2%
Ensino médio completo	4	8%
Ensino superior incompleto	16	32%
Ensino superior completo	17	34%
Especialização incompleta	3	6%
Especialização completa	6	12%
Mestrado incompleto	0	0%
Mestrado completo	1	2%
Doutorado incompleto	0	0%
Doutorado completo	0	0%
Pós-doutorado	0	0%
Total	50	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme demonstra a tabela 1, a faixa etária predominante da amostra é constituída por 42% de jovens entre 20 e 25 anos. No entanto, o segundo percentual mais alto, sendo de 34%, demonstra uma faixa etária entre 25 a 35 anos. Os indivíduos desse percentual são aqueles que já possuem ensino superior completo, sendo eles os colaboradores e/ou proprietários dos escritórios de contabilidade com mais experiência, já que atuam a mais tempo no mercado de trabalho.

Observa-se ainda, que 70% da amostra é do gênero feminino, sinalizando que a participação da mulher no mercado de trabalho contábil tem crescido consideravelmente nos últimos tempos. Em uma pesquisa realizada pelo CFC (2013), constatou-se que existem 304.242 profissionais de contabilidade com registro ativo, deste total, 135.669 são contabilistas mulheres.

Ainda de acordo com a tabela 1, foi possível abordar na terceira questão do questionário, o nível de escolaridade dos correspondentes. Cerca de 34% da amostra possui ensino superior completo, enquanto, 32% possui ensino superior incompleto. Ainda assim, é interessante ressaltar os demais níveis de escolaridade expostos de acordo com os dados da pesquisa.

Tabela 2 – Capacitação Financeira

Questão 4: Você já recebeu alguma capacitação sobre educação financeira?	Respostas	Porcentagem
Sim – Recebi capacitação sobre educação financeira em casa	12	24%
Sim – Recebi capacitação sobre educação financeira no ensino médio	1	2%
Sim – Recebi capacitação sobre educação financeira no ensino superior	9	18%
Sim – Recebi capacitação sobre educação financeira através de cursos presenciais/online	6	12%
Sim – Recebi capacitação sobre educação financeira através da internet	5	10%
Não – Nunca recebi capacitação sobre educação financeira, nem através de instituições públicas/privadas nem através de cursos.	17	34%
Total	50	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Evidencia-se nos resultados expressos na tabela 2, que a maior parte dos correspondentes, sendo 34% da amostra total, afirma que nunca recebeu capacitação sobre educação financeira, nem através de instituições públicas/privadas, nem através de cursos. Isso demonstra que, no decorrer da vida, os indivíduos não são preparados para aprender a organizar e cuidar do seu próprio dinheiro. Caso os indivíduos se interessem por uma capacitação melhor, eles por conta própria, devem procurar outros meios de conhecimento.

No entanto, vale ressaltar que o segundo percentual mais alto, sendo 24% da amostra total, indica que os indivíduos receberam capacitação dentro de suas casas, através de suas famílias. Este dado é capaz de refletir a importância da educação financeira passada dos pais para os filhos. Se existem pais preparados e mais engajados no controle das finanças pessoais, os filhos tendem a aprender esses hábitos financeiros com os pais.

Tabela 3 – Conhecimento Financeiro

Questão 5: Como você se sente a respeito dos seus conhecimentos para gerenciar seu próprio dinheiro?	Respostas	Porcentagem
Nada seguro – Eu gostaria de possuir um nível muito melhor de Educação Financeira	12	24%

Não muito seguro – Eu gostaria de saber um pouco mais sobre finanças	1	2%
Razoavelmente seguro – Eu conheço a maioria das informações que eu precisaria saber sobre o assunto	9	18%
Muito seguro – Eu possuo conhecimentos amplos o bastante sobre finanças	6	12%
Total	50	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se que 24% da amostra não tem segurança em gerenciar o próprio dinheiro e que gostaria de possuir um nível mais alto de educação financeira. Em contrapartida, 18% da amostra se sente razoavelmente segura, afirmando que conhecem a maioria das informações que precisariam saber sobre o assunto e 12% afirmam serem muito seguros, possuindo conhecimentos suficientemente amplos sobre finanças. O percentual mais elevado dos inseguros para gerenciar o próprio dinheiro pode ser explicado pelo fato de que a maioria dos indivíduos entrevistados não recebeu nenhum tipo de educação financeira antes, conforme demonstrado na Tabela 2. Consequentemente, esses indivíduos tendem a enfrentar mais dificuldades no gerenciamento de suas finanças, pois não se sentem completamente seguros sobre seus conhecimentos financeiros.

Tabela 4 – Conhecimento adquirido

Questão 6: Onde você adquiriu a maior parte dos seus conhecimentos para gerir seu próprio dinheiro?	Respostas	Porcentagem
Em casa com a família	22	44%
Conversando com amigos	4	8%
Em aulas na faculdade/escola	1	2%
Através de cursos financeiros	4	8%
Através de Influencers financeiros em plataformas online (Youtube, Instagram, Facebook)	3	6%
Através minha experiência prática	16	32%
Total	50	100%

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com a tabela, a maioria dos indivíduos, 44%, afirmam que o conhecimento sobre educação financeira que eles adquiriram foi em casa com suas famílias. Este é um dado que ressalta a importância da educação financeira no âmbito familiar. No entanto, 32% dos correspondentes afirmam que adquiriam educação financeira, através da própria experiência prática, o que também sugere uma ausência da educação financeira em boa parte dos lares pesquisados.

Tabela 5 – Função da Educação Financeira

Questão 7: Em sua opinião, qual a principal função da educação financeira?	Respostas	Porcentagem
Aprender a gastar meu dinheiro	8	16%
Aprender a adquirir hábitos financeiros racionais	28	56%
Aprender a fazer compras a prazo	0	0%
Aprender a usar o crédito	0	0%

Para possuir uma reserva de emergência	11	22%
Para equilibrar minhas receitas e despesas	1	2%
Gerenciar meu dinheiro afim de obter segurança e conforto	1	2%
Para alcançar uma vida melhor	1	2%
Total	50	100%

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com os resultados obtidos, 56% da amostra afirma que a principal função da educação financeira é adquirir hábitos financeiros racionais. Em contrapartida, cerca de 22% dos indivíduos afirmam que a principal função da educação financeira é construir uma reserva de emergência. Contudo, quando os indivíduos foram questionados se possuíam uma reserva de emergência, a maior parte deles afirmou não possuir e não saber como criar esse fundo emergencial. Isso sugere que os indivíduos possuem um bom nível de consciência da importância da educação financeira, porém, falta-lhes a prática.

Tabela 6 – Quantidade de pessoas/renda familiar líquida

Questão 8: Quantas pessoas moram na sua casa?	Respostas	Porcentagem
1 pessoa	7	14%
2 pessoas	10	20%
3 pessoas	16	32%
4 pessoas	14	28%
5 pessoas	1	2%
6 pessoas	2	4%
Total	50	100%

Questão 9: Qual a faixa de renda familiar líquida da sua família?	Respostas	Porcentagem
Até R\$500,00	0	0%
R\$ 500,01 até R\$ 1.000,00	3	6%
R\$ 1.000,01 até 1.500,00	9	18%
R\$1.500,01 até R\$2.500,00	11	22%
R\$ 2.500,01 até R\$ 4.000,00	22	44%
Acima de 4.000,01	5	10%
Total	50	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Percebe-se que a maioria dos indivíduos, sendo eles representados por 32% da amostra, possuem 3 indivíduos morando em suas casas. O segundo maior percentual, sendo ele representado por 28%, afirma que mora com 4 pessoas em suas casas. Quanto a renda familiar, 44% dos indivíduos analisados possuem uma média líquida de R\$2.500,01 a R\$4.000,00. Relacionando o número de indivíduos dentro de casa e a renda líquida familiar, foi possível perceber que a maioria dos correspondentes possui

uma situação confortável e não possui muitos membros da família dentro da própria casa, o que proporciona racionalmente menos despesas e facilita o controle das finanças, objetivando evitar quaisquer dívidas permanentes.

Tabela 7 – Controle e organização dos gastos mensais

Questão 10: Você costuma manter o controle sobre seus gastos mensais?	Respostas	Porcentagem
Sim – Porque eu acho importante controlar meus gastos	15	30%
Sim – Porque gosto de saber quanto gastei, para saber quanto posso gastar	7	14%
Sim – Porque eu necessito ter o controle sobre meus gastos	19	38%
Não – Porque eu não considero o controle de gastos importante	3	6%
Não – Porque não possuo conhecimento para realizar o controle dos meus gastos.	6	12%
Total	50	100%

Questão 11: Qual forma você utiliza para organizar seus gastos?	Respostas	Porcentagem
Através de uma planilha com todos os gastos.	11	22%
Anoto os gastos mais importantes em um caderno	9	18%
Guardo todas as notas fiscais em uma gaveta/armário	4	8%
Compro apenas no cartão para controlar através da fatura ou extrato bancário	10	20%
Não organizo meus gastos	9	18%
Nenhuma das alternativas anteriores	6	12%
Outros	1	2%
Total	50	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Pode-se verificar que a maior parte dos indivíduos, representando 38% da amostra, afirma que faz o controle de gastos porque necessita ter essa obrigação e o segundo maior percentual, sendo representado por 30% afirma que faz o controle dos gastos mensais porque considera importante. Enquanto 22% dos indivíduos faz o controle mensal através de planilhas, 20% utiliza como controle apenas as faturas do cartão de crédito ou extrato do cartão de débito. Esses dados sugerem que, quando há o controle financeiro, ele não ocorre de forma técnica e sistematizada, em planilhas específicas ou aplicativos, mas em planilhas de Excel ou faturas.

Tabela 8 – Itens básicos no orçamento familiar

Questão 12: Quais itens básicos você considera, quando realiza o orçamento familiar?	Respostas	Porcentagem
Todas as receitas e todas as despesas	32	64%
Receitas e despesas fixas	10	20%
Receitas e dívidas.	0	0%
Dívidas e despesas fixas	4	8%
Somente receitas.	0	0%
Nenhuma das alternativas anteriores	4	8%
Total	50	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Neste quesito, 64% da amostra considera todas as receitas e todas as despesas quando realiza o orçamento familiar. Esse tipo de conduta facilita na organização do orçamento mensal, quando se considera todas as receitas que entram e todas as despesas/gastos que saem.

Tabela 9 – Grau de endividamento dos indivíduos

Questão 13: Você considera-se endividado (a)?	Respostas	Porcentagem
Sim – Tenho contas parceladas e possuo financiamentos.	4	8%
Sim – Tenho contas parceladas, mas não possuo financiamentos	8	16%
Não – Tenho contas parceladas, mas consigo pagá-las dentro do prazo	26	52%
Não – Não tenho contas parceladas e faço a maioria dos meus pagamentos à vista.	12	24%
Total	50	100%

Questão 14: Você possui prestações/obrigações em atraso?	Respostas	Porcentagem
Sim – Costumo pagar minhas contas básicas (água, luz, supermercado) após o vencimento	6	12%
Sim – Costumo pagar o cartão de crédito após o vencimento e costumo parcelar a fatura	3	6%
Não – Costumo pagar todas as minhas prestações/obrigações dentro do prazo	41	82%
Total	50	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se que mais da metade dos indivíduos, sendo eles 52% da amostra, não se consideram endividados, mas afirmam que mesmo possuindo contas parceladas, as mesmas são pagas dentro do prazo e por isso, não podem ser

considerados endividados. A nosso ver, isto sugere haver uma ausência técnica de conhecimento financeiro, pois, parcelamento é uma forma de endividamento futuro.

O segundo maior percentual, sendo ele 24% da amostra, não se considera endividado porque realiza a maioria dos seus pagamentos à vista. Esse dado ganha maior visibilidade na questão 14, quando 82% da amostra afirma que paga todas as suas obrigações dentro do prazo, não possuindo dívidas em atraso.

Tabela 10 – Formas de pagamento das obrigações/prestações

Questão 15: Você costuma utilizar cheque especial ou dividir contas no cartão de crédito para o pagamento de prestações/obrigações?	Respostas	Porcentagem
Sim – Estou sempre utilizando o limite do cheque especial para pagar minhas contas	2	4%
Sim – Faço minhas compras apenas cartão de crédito	11	22%
Sim – Utilizo o cartão de crédito quando não tenho mais dinheiro físico	8	16%
Sim – Só utilizo o cartão de crédito em compras grandes, para parcelar	12	24%
Não – Faço compras apenas no dinheiro e poupo quando quero fazer uma compra grande	17	34%
Total	50	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota-se que a maior parte dos indivíduos possuem um critério inteligente, quando se trata de fazer compras. 34% da amostra afirma que faz suas compras no dinheiro e poupa certa quantia quando desejam fazer compras grandes. Esses resultados demonstram capacidade e inteligência financeira por parte desses indivíduos.

Tabela 11 – Grau de endividamento dos indivíduos

Questão 16: Quanto você consegue guardar do seu salário mensal para gastos futuros e/ou imprevistos?	Respostas	Porcentagem
De 0 a menos de 5%	11	22%
De 5 a menos de 15%	12	24%
De 15 a menos de 20%	12	24%
Mais de 20%	3	6%
Não consigo poupar	12	24%
Total	50	100%

Questão 17: Quanto você consegue poupar do seu salário	Respostas	Porcentagem
---	------------------	--------------------

mensal para investimentos e/ou poupança?		
De 0 a menos de 5%	13	26%
De 5 a menos de 15%	13	26%
De 15 a menos de 20%	3	6%
Mais de 20%	4	8%
Não consigo poupar	17	34%
Total	50	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados dos quesitos acima foram bastante equilibrados. Cerca de 48% dos indivíduos conseguem destinar de 5% a 20% do seu salário mensal para gastos futuros e/ou imprevistos. Isso demonstra habilidades responsáveis na administração das finanças pessoais, visto que os mesmos possuem uma reserva de emergência. No entanto, vale ressaltar que um número significativo de indivíduos, sendo eles, 24% da amostra, afirmam não conseguir destinar parte da sua renda mensal para este fim. Outro dado preocupante é fornecido na questão 17, quando 34% da amostra total afirma não conseguir poupar nenhum valor do salário mensal para investimentos e/ou poupança. Observa-se, portanto, que esse grupo de indivíduos não demonstra apresentar perfil de investidor, já que não consegue poupar.

Tabela 12 – Obrigações fixas mensais

Questão 18: Qual o percentual do seu rendimento mensal está comprometido com obrigações/prestações fixas mensais?	Respostas	Porcentagem
De 1% a 30%	15	30%
De 31% a 60%	17	34%
De 61% a 90%	15	30%
De 91% a 100%	3	6%
Total	50	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Os dados sinalizam para a ocorrência de contradições, pois cerca de 34% dos indivíduos afirmaram que possuem de 31% a 60% da renda comprometida com obrigações/prestações fixas mensais. A contradição se refere as respostas obtidas nas questões 13 e 14, onde a maior parte dos indivíduos não se consideraram endividados e que realizavam a maior parte de seus pagamentos à vista. Ora, se até 60% da renda do indivíduo está comprometida com obrigações fixas mensais, provavelmente, o mesmo não consegue realizar pagamentos só a vista, estando portanto, endividado.

Tabela 13 – Importância da educação financeira

Questão 19: Qual sua opinião sobre a inserção de disciplinas e atividades relacionadas a educação financeira durante o ensino fundamental/médio?	Respostas	Porcentagem
---	------------------	--------------------

Muito importante – Porque estimula o desenvolvimento das habilidades financeiras do indivíduo, tornando-o consciente financeiramente em suas decisões.	45	90%
Média importância – Porque educação financeira pode ser aprendida em casa, através das atitudes financeiras dos pais ou em qualquer outro lugar	4	8%
Pouca importância – Porque possuir habilidades de controle financeiro não faz diferença nas decisões tomadas pelo indivíduo	1	2%
Nenhum benefício – Porque a educação financeira não influencia em nada na vida do indivíduo, não trazendo benefícios no futuro.	0	0%
Total	50	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Segundo os resultados, 90% dos indivíduos consideram a inserção da educação financeira através de atividades e disciplina no ensino fundamental/médio de extrema importância, pois, estimula o desenvolvimento das habilidades financeiras no indivíduo, tornando-o consciente financeiramente em suas decisões. No entanto, 8% da amostra, afirmou que a inserção de disciplinas e ensinamentos financeiros na formação acadêmica não é tão importante, porque esses ensinamentos podem ser aprendidos em casa, através das famílias.

Vale ressaltar que o ensino da educação financeira deve ser um hábito contínuo. Quanto mais a criança ou o adolescente ouve a respeito e pratica ações conscientes financeiramente, mas ele se torna capacitado para tomar suas decisões no futuro. Por isso, inserir a educação financeira na base curricular é de extrema importância, bem como dar continuidade a esse trabalho dentro de casa.

3.CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo analisar o impacto da educação financeira na organização das finanças familiares. Para isso, foi realizada uma pesquisa através de um questionário, com a participação de 50 indivíduos, sendo eles, colaboradores ou proprietários de escritórios prestadores de serviços contábeis na cidade de Manhumirim/MG e suas famílias.

Os resultados permitiram criar um perfil dos indivíduos entrevistados. Em sua maioria, possuem entre 25 a 35 anos, com ensino superior em andamento ou já completo. Muitos não receberam capacitação financeira no decorrer de suas vidas, desenvolvendo suas habilidades através de suas próprias experiências práticas ou através de suas famílias.

Este estudo também procurou responder aos questionamentos: porque a inserção da educação financeira no cotidiano das famílias, se faz tão necessário? Existe alguma relação entre as pessoas que não receberam nenhum tipo de educação financeira e seu grau de endividamento? Qual a importância da educação financeira no sistema econômico atual?

No que diz respeito a inserção da educação financeira no cotidiano das famílias, conclui-se que se faz cada vez necessária, visto que, os indivíduos não

receberam educação financeira através das instituições de ensino, sendo muitas vezes ensinados através de seus pais, dentro de suas casas, sem a metodologia adequada.

No que diz respeito a relação entre os indivíduos que não receberam nenhum tipo de educação financeira e seu grau de endividamento, conclui-se haver uma relação direta, pois existe uma correspondência entre estes indivíduos e seu nível de endividamento. Conclui-se ainda, que muitos apresentam certo conhecimento teórico sobre finanças e a importância da educação financeira. No entanto, não praticam esse conhecimento no dia a dia, demonstrando assim, um desconhecimento técnico do assunto. Isto é evidenciado quando os indivíduos afirmam não se considerarem endividados, porém, afirmam que até 60% da renda mensal está comprometida com despesas fixas.

E no que diz respeito a importância da educação financeira no sistema econômico atual, conclui-se que esse conhecimento faria com que o indivíduo adquirisse responsabilidade financeira, tornando-se mais consciente e racional financeiramente. Se a educação financeira começa a ser trabalhada no indivíduo desde sua infância, isso poderá evitar seu despreparo para lidar com o lado financeiro na vida adulta, visto que o indivíduo passa a conhecer o mecanismo do sistema financeiro, conseguindo aproveitar tudo aquilo de melhor que ele consegue oferecer.

A educação econômica financeira, pode servir para cumprir diferentes propósitos. Sua efetividade irá depender, em grande medida, da clareza e avaliação dos objetivos que se pretende alcançar através dela. O processo de educação financeira já foi penoso e lento, mas é possível acompanhar o crescente interesse neste assunto, através das pesquisas que vem sendo realizadas.

Por fim, em relação ao objetivo geral da pesquisa, conclui-se que a capacitação financeira contribui para a melhor tomada de decisões dos indivíduos, apesar da existência de outras fontes de conhecimento que podem auxiliar, como a experiência prática e a família, mas que precisam ser melhores investigadas.

4. REFERÊNCIAS

AMURI, Eduardo. **Dinheiro Sem Medo**. São Paulo: Benvirá, 2017.

BATISTA, Vera. **Agora é obrigatório, crianças aprenderão educação financeira nas escolas em 2020**. 2019. Disponível em: <<http://blogs.correiobraziliense.com.br/servidor/agora-e-obrigatorio-criancas-aprenderao-educacao-financeira-nas-escolas-em-2020/>>. Acesso em: 14 out. 2020.

BESSA, S.; FERMIANO, M. B.; CORIA, M. D. (2014) Compreensão econômica de estudantes entre 10 e 15 anos. **Revista Psicologia & Sociedade**. 26(2).

BRASIL. **Estratégia Nacional da Educação Financeira**. ENEF. Decreto 7.397 de 22 de dezembro de 2010.

_____. **Ministério da Educação**. LDB Lei das Diretrizes Bases da Educação. 1996.

BRONSTRUP, M. (2016). Educação financeira nas escolas: Estudo de caso de uma escola privada de ensino fundamental no município de Santa Maria (RS). **Repositório Digital da UFSM**, Santa Maria, 2016.



CERBASI, Gustavo. Casais inteligentes enriquecem juntos. 148 ed. São Paulo, SP. Gente, 2004.

CEZARIO, Juliana. A importância da educação financeira pessoal para qualidade de vida. **Revista do Departamento de Administração da FEA**, v. 1, 2017.

CNC. **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC)**, 2020. Disponível em: <<http://www.cnc.org.br/editorias/economia/pesquisas/pesquisa-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumidor-peic-julho-0>> Acesso em: 24 set. 2020.

CNDL, Brasil. **Inadimplência no Brasil encerra 2018 com alta de 4,41%, maior crescimento para os meses de dezembro desde 2012**. 2019. Disponível em: <<https://site.cndl.org.br/inadimplencia-no-pais-encerra-2018-com-alta-de-441-o-maior-crescimento-para-os-meses-de-dezembro-desde-2012-mostram-cndlspc-brasil/>> Acesso em: 28 ago. 2020.

EWALD, C. **Sobrou dinheiro! Lições de economia doméstica**. 10. ed. Rio de Janeiro, RJ. Bertrand Brasil, 2004.

FERNANDES, A. H. D. S.; CANDIDO, J. G. (2014). Educação financeira e nível de endividamento: relato de pesquisa entre os estudantes de uma instituição de ensino da cidade de São Paulo. **Revista Eletrônica Gestão e Serviços**. 5(2), 894-913.

FERREIRA, J. C. (2017). A importância da educação financeira para a qualidade de vida. **Caderno de Administração**, v.1, 2017.

GALLERY, N.; G.; BROWN, K; FURNEAUX, C.; PALM, C. **Financial literacy and pension investment decisions. Financial Accountability & Management**. EUA, 2011.

GOMES, E. L. S. (2013). Educação Financeira: um estudo realizado com os professores do curso de administração da Universidade Estadual da Paraíba. **Camine, Caminhos da Educação**. v. 8, n. 2.

GORLA, M. C.; MAGRO, C. B. D.; SILVA, T. P.; NAKAMURA, W. T. (2016). A educação financeira dos estudantes do ensino médio de rede pública segundo aspectos individuais, demográficos e de socialização. Anais... **XVI Congresso USP de Controladoria e Contabilidade**, São Paulo, 27 a 29 de julho de 2016.

HALLES, C. R; SOKOLOWSKI, R.; HILGEMBERG, E.M. **O planejamento financeiro como instrumento de qualidade de vida**. 2007. Acesso em: 15, dez. 2020.

JUNIA, F.; ANDRE, F.; FREITAS, R.; LUIZ, W.; MENDES, L. Educação Financeira: Aprendendo a lidar com o dinheiro. **Raízes e Rumos**, vol. 02, n. 01, pag. 91-155, Rio de Janeiro, 2014.

LELIS, M. G. **Educação financeira e empreendedorismo**. Centro de Produções Técnicas, 2006.



LIZOTE, S. A.; VERDINELLI, M. A. (2014). Educação financeira: um estudo das associações entre o conhecimento sobre finanças pessoais e as características dos estudantes universitários do curso de ciências contábeis. Anais... **XIV Congresso USP de Controladoria e Contabilidade**, São Paulo, 21 a 23 de julho de 2014.

MARANSALDI, Renata. **O descontrole financeiro é um problema emocional, diz psicóloga**. São Paulo, Economia UOL, 2012. Disponível em: <<http://https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2012/07/29/o-descontrole-financeiro-e-um-problema-emocional-diz-psicologa-do-hc.htm>>. Acesso em: 3 out. 2020

MONIQUE, T.; LEIA, K. Educação Financeira nas Escolas: Estudo de caso de uma escola privada de ensino fundamental no município de Santa Maria. **CAMINE: Caminhos da Educação**, Franca, v. 8, n. 2, 2016.

MOSMANN, Gabriela. **Como melhorar a situação financeira no Brasil**. Suno Artigos, 2020. Disponível em: <<http://https://www.sunoresearch.com.br/artigos/educacao-financeira-no-brasil/>>. Acesso em: 19 set. 2020.

PERETTI, Luís Carlos. **Aprenda a cuidar do seu dinheiro**. 1, ed. Dois Vizinhos, PR. Impressul, 2007.

_____. **Educação financeira na escola e na família**. 2 ed. Dois Vizinhos, PR. Impressul, 2007.

PREVIC.GOV. **O que é a Educação Financeira**, 2005. Disponível em: <http://previc.gob.br/regulacao/educacao-previdenciaria/educacao-financeira-e-previdenciaria/o-que-e-educacao-financeira>. Acesso em: 3 out. 2020

SAITO, A. T. **Uma contribuição ao Desenvolvimento da Educação das Finanças Pessoais no Brasil**. 2007. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo.

VIEIRA, S. F. A.; BATAGLIA, R. M; SEREIA, V. J. (2011). Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. **Revista de Administração da Unimep**. 9(3), 61-86.